

O labirinto periférico. As aventuras de Mariátegui na América Latina

DENI ALFARO RUBBO

São Paulo: Autonomia literária, 2021. 416p.

*Jean-Ganesh Leblanc**

O recente livro de Deni Alfaró Rubbo, versão revista da sua tese de doutorado, chega em um momento de aprofundamento da recepção da obra de José Carlos Mariátegui (JCM) no Brasil. Com vários empreendimentos editoriais e crescente produção científica sobre o peruano, as teses por ele desenvolvidas conhecem um significativo aumento de difusão. Empenhado em explorar a história das apropriações e leituras da obra de Mariátegui na América Latina, Rubbo propõe um trabalho extremamente rico e documentado que nos leva em uma viagem através das Ciências Sociais do continente. A figura complexa de Mariátegui – ao mesmo tempo *outsider* e clássico da literatura acadêmica e militante – serve de bússola para redescobrir os debates que moldaram as obras de alguns dos mais famosos autores marxistas latino-americanos.

Esse estudo das recepções de Mariátegui preenche um vazio na literatura mariateguiana ao oferecer um belo retrato do entrelaçamento da obra do peruano com as diversas etapas da produção de conhecimento no campo das Ciências Sociais. Rubbo combina a história da difusão dos textos de Mariátegui (edição das suas obras, traduções, apropriações em obras de outros pensadores) com exposições sobre as principais leituras ao longo de um século de história, sem nunca perder a historicidade de cada uma delas. Dessa forma, o autor cruza dados biográficos

* Université Lumière Lyon 2. E-mail: jean-ganesh.leblanc@laposte.net

dos diversos comentadores com elementos de história intelectual e política para produzir uma história social da difusão e das apropriações das ideias de JCM.

O livro é muito bem-sucedido ao chamar a atenção sobre o fato de que nem JCM nem os seus comentadores produzem conhecimento em monólogos justapostos. Ao contrário, os debates que os envolvem têm história e integram características próprias às trajetórias dos diversos países, do continente e de situações de maior ou menor avanço das ideias revolucionárias na luta de classes. Em particular, a focal na difusão das ideias mariateguianas no Brasil decorre da “descoberta” da América Latina pelos jovens intelectuais marxistas no exílio. Autores ligados à teoria da dependência (Ruy Mauro Marini, Vânia Bambirra, Theotônio dos Santos, entre outros) ou grandes nomes como Darcy Ribeiro e Florestan Fernandes enriqueceram suas obras com autores e referências até então pouco conhecidos no Brasil.

O trabalho de Rubbo privilegia a função que desempenha a referência a Mariátegui sobre a avaliação da pertinência, ou maior correção, de tal ou qual interpretação. Assim, procurando mostrar a fecundidade do Mariátegui de Anibal Quijano, de Michael Löwy e de Florestan Fernandes, ele valoriza o papel de cada um desses autores como impulsionador de uma obra cuja importância ressalta. Em sintonia com Löwy, Rubbo argumenta que a origem geográfica de Mariátegui o relega a um “patamar pretensamente inferior em relação aos autores do assim chamado marxismo ‘clássico’ ou ‘ocidental’”, embora suas afinidades com Walter Benjamin, Antonio Gramsci ou György Lukács o qualifiquem como pensador universal, e não somente como marxista latino-americano.

Buscando historicizar os usos de Mariátegui, Rubbo aborda várias vertentes interpretativas em conexão com os períodos em que se inserem. Assim, o marxismo “herético” ou “heterodoxo” de Mariátegui, dominante na geração do colóquio de Sinaloa de 1980, surge em um período de derrota das esquerdas. O Mariátegui que autores da teoria decolonial revisitam leva a marca da crise de paradigma dos anos 1990 e 2000 e da centralidade da crítica ao eurocentrismo. Porém, Rubbo enfatiza a existência de leituras antagônicas coexistentes em um mesmo período: enquanto o semiólogo argentino Walter Mignolo faz uma apropriação de Mariátegui que desconsidera o caráter marxista do autor, o filósofo Enrique Dussel vê na obra do peruano uma continuidade com o “último Marx”.

Os maiores trechos são dedicados a Anibal Quijano, Florestan Fernandes e Michael Löwy. O sociólogo peruano é mundialmente famoso por sua leitura da colonialidade do poder, mas seus primeiros passos nos estudos mariateguianos começam nos anos 1950 e se desenvolvem, sobretudo, em 1979, quando redige uma introdução aos *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana* para a ilustre coleção venezuelana Biblioteca Ayacucho. No texto, Quijano procura desmistificar a leitura vulgar dos *Sete ensaios*, popularizada no Peru dos anos 1970, e enfatizar a autonomia do marxismo de Mariátegui. Atento à indispensável análise da realidade da formação social peruana em articulação com a totalidade, Quijano

identifica uma dualidade entre a concepção marxista de JCM e sua filosofia da história que “não nega a verve metafísica e religiosa”.

Rubbo verifica uma segunda leitura a partir dos anos 1980, na qual Quijano defende a ideia de uma superação da oposição dualista entre mito e *logos* na obra de Mariátegui. Juntando elementos diversos, o JCM de Quijano produz um marxismo que associa epistemologia com ética em uma racionalidade integradora, alternativa à racionalidade reducionista eurocêntrica. A obra de Quijano aponta um importante elemento de continuidade em Mariátegui, entre uma fase marxista e outra dedicada à exploração da teoria da colonialidade.

Ao rastrear a difusão mariateguiana no Brasil, Rubbo destaca as primeiras menções aos textos de JCM (em 1935) e segue as outras referências ao seu nome. No entanto, o aspecto mais original do seu livro é a análise da presença de Mariátegui na obra de Florestan Fernandes. Se Nelson Werneck Sodré é possivelmente o primeiro brasileiro a utilizar a obra de Mariátegui sistematicamente, Fernandes é provavelmente o principal “impulsionador” da tradução e difusão da obra do peruano no Brasil. Autor da introdução da primeira tradução dos *Sete ensaios* em português (1975), ele acompanha de perto os desenvolvimentos dos estudos mariateguianos e cita JCM como um “clássico” da América Latina e um exemplo de pesquisa científica engajada na transformação da sociedade. Rubbo demonstra o caráter decisivo da referência a JCM no leque de autores marxistas mobilizados por Fernandes, já na *Revolução burguesa no Brasil* e até os anos 1990.

O último capítulo é dedicado à obra de Michael Löwy, que exerce o papel de difusor e intérprete da obra de Mariátegui ao longo de toda sua carreira. A primeira palestra dedicada ao peruano remonta a 1960, mas é sobretudo em 1980, com a sua antologia de textos marxistas latino-americanos, que Löwy se destaca como comentador da obra de JCM. Fortemente influenciado pelo trotskismo, Löwy faz de Mariátegui um pensador da teoria do desenvolvimento desigual e combinado a partir de três eixos: 1) o ponto de vista da totalidade na análise do mercado mundial e da luta de classes, 2) o caráter aberto da historicidade social e 3) a síntese dialética entre o particular da formação social e o universal das tendências gerais do desenvolvimento capitalista. Com essa base, Löwy põe ênfase sobre o método flexível de Mariátegui e suas afinidades eletivas com Marx. Essa leitura se complementa, nos anos 1980, com a teorização do romantismo como visão de mundo e corrente crítica imanente da modernidade. Mariátegui entra, então, no panteão dos autores românticos revolucionários pela sua recuperação crítica do passado indígena coletivista para a luta em prol de uma sociedade socialista.

A obra de Deni Alfaró Rubbo se destaca pela erudição e precisão, contextualizando os debates e citando as objeções dirigidas pelos contemporâneos aos autores apresentados. Tanto pelo seu estudo do cenário latino-americano como pela riqueza no que tange ao pensamento marxista brasileiro e à presença de Mariátegui neste último, o livro é um importante aporte à historiografia mariateguiana.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

DOSSIÊ "MARX DUZENTOS ANOS"

Relendo os *Grundrisse*

João Quartim e Pedro Leão

Os partidos políticos na Grã-Bretanha

Karl Marx

ARTIGOS

Criptomoedas

Paulo Nakatani e Gustavo Moura

Estatismo autoritário: Agamben e Poulantzas

Christos Boukalas

Burguesia interna e capitalismo dependente

Danilo Martuscelli

47